



MARINOVIĆ, Anamarija. O papel da literatura tradicional na criação de grandes mitos nacionais: o estudo do caso de três lendas portuguesas e sérvias. In: *Revista Épicas*. Ano 2, N. 3, Jun 2018, p. 1-15. ISSN 2527-080-X.

## O PAPEL DA LITERATURA TRADICIONAL NA CRIAÇÃO DE GRANDES MITOS NACIONAIS: O ESTUDO DO CASO DE TRÊS LENDAS PORTUGUESAS E SÉRVIAS

### THE ROLE OF FOLK LITERATURE IN THE CREATION OF GREAT NATIONAL MYTHS: THE CASE STUDY OF THREE PORTUGUESE AND SERBIAN LEGENDS

Anamarija Marinović<sup>1</sup>

Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado,  
Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa

**RESUMO:** Neste artigo pretende-se fazer uma análise contrastiva entre as lendas populares portuguesas e sérvias que envolvem algumas das personagens mais importantes para a História destes dois países e verificar até que ponto e de que forma este imaginário influenciou a criação de grandes mitos de identidade (e orgulho) nacional. A investigação será feita sobre tudo da perspectiva histórica e linguística. Abordar-se-ão os aspectos da identidade (nacional e cultural), o contexto em que estas lendas surgiram e as criações de eventuais estereótipos (positivos e negativos) sobre os heróis nacionais destes dois povos e sobre o(s) Outro(s).

Palavras-chave: mito, lenda, literatura tradicional portuguesa e sérvia, identidade nacional, estereótipo

**ABSTRACT:** This article intends to make a contrastive analysis between the Portuguese and Serbian folk legends that involve some of the most important characters in the history of these two countries and to verify to what extent and in what form this imaginary influenced the creation of great myths of national identity (and pride). The research will be done on everything from the historical and linguistic perspective. The aspects of identity (national and cultural), the context in which these legends have emerged and the creation of possible stereotypes (positive and negative) about the national heroes of these two peoples and about the Other (s) will be addressed.

---

<sup>1</sup> Anamarija Marinović é Professora de Língua e Cultura Portuguesa na Faculdade de Filologia da Universidade de Belgrado. Obteve o grau de Doutora a 28 de Julho de 2014 pela Universidade de Lisboa com a avaliação de Muito Bom com Distinção e Louvor. É também investigadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, onde se dedica a tópicos comparados ibéricos e eslavos. [aninhalisboa1405@gmail.com](mailto:aninhalisboa1405@gmail.com)

**Keywords:** myth, legend, Portuguese and Serbian folk literature, national identity, stereotype.

## **Introdução**

A finalidade deste artigo é observar o papel da literatura tradicional na criação da consciência nacional, de um imaginário comum dos povos e de grandes mitos, que durante séculos têm sido pilares da identidade nacional e cultural. Analisar-se-á a relação entre o processo da globalização e as integrações europeias com a mitologia nacional, porque hoje em dia parece que as noções da História, do passado colectivo e da identidade sofreram bastantes alterações após grandes mudanças políticas, económicas e culturais no mapa mundial.

Veremos por que razões e de que forma algumas das “grandes ideias” nacionais ainda persistem no discurso e no inconsciente das pessoas. Para tal proposta foram escolhidas precisamente lendas e não qualquer outro género da literatura tradicional porque nas lendas se vê melhor o cruzamento dos factos reais e das ideias imaginadas, ou seja, a História e o Mito.

Decidimos basear-nos na cultura portuguesa e sérvia, por um lado, porque estes dois povos valorizam muito o seu passado nacional e, por outro, porque já foram feitas bastantes investigações em cada um destes contextos culturais. A análise comparada das lendas que envolvem o protagonismo de algumas personagens importantes no cenário político, cultural e histórico em Portugal e na Sérvia procurará demonstrar a importância real dessas personagens, como também abordará as formas de as suas vidas e obras serem usadas no sentido ideológico, de forma a construir uma identidade.

Para os efeitos deste trabalho os conceitos da *identidade*, *diferença*, *o Outro* serão sujeitos a uma profunda reflexão e re-examinação para se poderem situar correctamente no contexto actual e notar-se-á até que ponto estas categorias são hoje em dia ultrapassadas e como é que estes conceitos devem ser tratados. Prestar-se-á uma atenção especial aos estereótipos que podem ter uma conotação positiva ou negativa. Estas ideias fixas no imaginário das pessoas ajudam a que se crie uma imagem sobre estes dois povos e culturas em questão e sobre *o(s) Outro(s)*.

Este estudo terá uma parte meramente teórica (em que se tentará dar uma definição dos termos *mito*, *literatura tradicional*, *tradição*, *Nação e nacionalidade*, *identidade*) e outra uma parte mais prática, em que se analisarão várias lendas tradicionais dos povos português e sérvio. Desta forma observar-se-á se os conhecimentos teóricos se aplicam na prática e como é que funcionam inseridos num determinado contexto.

## **Aproximações dos Conceitos Teóricos da *Literatura Tradicional*, *Identidade e Nacionalidade***

Nesta parte abordaremos algumas noções teóricas sem as quais qualquer análise das lendas seria pouco viável. Em primeiro lugar optamos pela designação de “literatura tradicional” e não “popular” ou “oral”, justamente porque neste termo é possível vislumbrar o conceito da “tradição”. Por “tradição” entendemos, segundo João Malaca Casteleiro do lat. *Traditio,-onis* “transmissão”: “1. Transmissão de valores e de factos históricos, artísticos e sociais de geração em geração através de palavra ou do exemplo” (2001, p. 3600). Por conseguinte, o mesmo autor ainda salienta: “conjunto de factos, crenças, valores e costumes que constituem a memória colectiva de uma comunidade”. Estas duas definições serão úteis como ponto de partida para o tema deste trabalho.

Como se vê, a tradição serve para transmitir conhecimentos, ideias, ensinamentos e partes do património intangível não apenas ao indivíduo, como também à comunidade à qual esse indivíduo pertence. Neste sentido, a literatura tradicional tem um papel fundamental, porque cria um forte sentimento de identificação com um colectivo. Podemos dizer que a literatura tradicional nunca é neutra ideológica e culturalmente. A próxima questão que nos surge é: “por que e para que é preciso sentir-se identificado com alguma ideia, um espaço cultural e uma identidade?” A resposta não é uma tarefa simples porque exige profundos conhecimentos de várias áreas que estudam o ser humano em diferentes perspectivas e porque pode tocar em assuntos para os quais as pessoas não estão suficientemente sensibilizadas. Hosbawn e Ranger (1996) sublinham que as tradições servem para criar hábitos, formar comportamentos e desenvolver o sentimento de pertença a um colectivo precisamente através do seu valor simbólico e afectivo. Referindo-se ao significado do símbolo, Mesquitela Lima (1983) afirma que ele aparece apenas no género humano, é polissémico e que encerra em si uma simultaneidade de sentidos. A identificação com um grupo é uma necessidade humana muito antiga que oferece às pessoas uma sensação de proximidade e segurança.

Na opinião de Hosbawn e Ranger (*op.cit.*), por vezes é necessário inventar uma tradição para possibilitar os sentimentos de comunidade e partilha. É precisamente aqui que “entram” o mito e a lenda, tentando procurar uma base comum da cultura e da identidade de todos os povos, porque não existe civilização no mundo sem a sua mitologia, os seus heróis e o seu imaginário colectivo. Uma vez mencionada a palavra “imaginário”, na sua etimologia, descobre-se a relação com a “imagem” e o verbo “imaginar”. Por esta razão Benedict Anderson (1991) questiona todos os elementos tradicionalmente importantes para uma identidade colectiva (a língua, as raízes comuns, o passado nacional) introduzindo um conceito novo, o das “comunidades imaginadas”, que será discutido mais adiante.

A primeira associação com a palavra “identidade” geralmente pode conduzir ao adjetivo “idéntico”, ou ao verbo “identificar-se”. Se no passado, e sobretudo na época do Romantismo (quando a maioria dos países europeus delimitou as suas fronteiras nacionais, e alguns deles, como é o caso da Sérvia, libertaram-se da dominação multissecular de um império poderoso), para a construção da identidade nacional, cultural e literária foram usados argumentos da antiguidade da Nação, a sua pureza, a difusão e uso da língua, na época contemporânea parece que eles já não são suficientes. Orlanda Azevedo (2004) é de opinião que hoje em dia como consequência da superação das fronteiras geográficas existe uma dispersão identitária. Muitos autores salientam a dificuldade de se construir uma identidade autêntica. Por esta razão, Reinaldo Marques (1998, p. 45) afirma que “o ser é múltiplo. A verdade é múltipla.” Sendo assim, a pergunta que surge é se é realmente possível falar-se na identidade ou nas identidades, e conclui-se que mesmo nos assuntos tradicionalmente aceites como marcas da identidade, tais como a língua, a história ou literatura nacionais, são permitidas várias interpretações pessoais. Para a criação de uma identidade são indispensáveis a memória (individual e colectiva), a consciência e autocoscência, a ideia de um carácter nacional e outros elementos. Philipp Löser ( *apud* Seruya, Moniz, 1999, p. 51) destaca que “os clichés nacionais são capazes de estruturar de forma conveniente a mundividência de alguém” (tradução nossa)<sup>1</sup>. Quando se mencionam as palavras “cliché” e “estereótipo”, após um primeiro olhar para elas, pensa-se que têm um significado extremamente negativo e que estas ideias devem ser erradicadas da linguagem e do pensamento humano, o que não é possível de todo.

Depois de termos discutido um pouco a problemática que a identidade suscita na análise e na discussão, devemos tentar dar algumas definições do termo, para vermos as razões de este conceito ainda persistir no vocabulário e ideário das pessoas.

Bernd e Lopes (1999, p. 11) designam este conceito como um “conjunto de características que define a pertença a uma etnia, uma nação e uma cultura” e afirmam que os traços tradicionalmente ligados a esta categoria são a união e a homogeneidade. Esta definição oferece uma interpretação possível, sobretudo se se trata do uso “político” deste termo, acentuando o carácter colectivo da identidade e não prestando atenção à identidade individual. Pode ser que seja mais fácil analisar a identidade de um grupo, que a de uma pessoa, porque a identidade pessoal representa um cruzamento complexo de variadas “micro-categorias” que abrangem desde filiação, opiniões, educação, meio familiar, até às noções mais vastas como a língua, a etnia e a religião.

Na perspectiva de José Eduardo Franco (2000, p. 298):

A História para a sociedade é como a memória para o indivíduo: se este perde a memória, perde a consciência da sua identidade, o sentido do presente e a

capacidade da idealização do futuro porque não possui o suporte gnóstico (experiencial, intelectual, afectivo...) que lhe permita encadear o tempo, e a História e os seus mananciais de sabedoria, aspiralmente constituída de modo a ler e recordar a sua situação existencial.

Franco interliga as esferas do individual e do colectivo fazendo um paralelismo entre elas, vendo-as como inseparáveis e importantes do ponto de vista de organizar os acontecimentos e orientar-se por eles a todos os níveis da vida.

Na época contemporânea, as noções das fronteiras, territórios, povos, nações e identidades já não parecem tão fundamentais e como razões principais para isso Charles Bernheimer (1995) cita a globalização, o aumento das integrações a nível planetário, a democratização e a descolonização. Todos estes processos tiveram têm por finalidade o apagamento do sentido tradicional das identidades de forma a criar uma maior proximidade entre as pessoas e de elaborar uma nova noção da identidade. Neste contexto, surgem as ideias do cosmopolitismo, da cidadania do mundo, da europeidade e outras que serão devidamente discutidas e serão observadas as suas vantagens e desvantagens. Patrick J. Geary (2008) chama a atenção para o facto de que as primeiras ideias sobre a criação da Comunidade Europeia nasceram numa base puramente económica, que implicava a abolição das fronteiras alfandegárias, o que facilitou a livre circulação dos bens e dos cidadãos. Deste ponto de vista, fica bastante claro que a vertente cultural da ideia de uma Europa comum no início ficou no segundo plano. Apenas mais tarde, apelou-se para um fundo comum de valores e herança cultural que poderiam construir uma identidade europeia, mais abrangente que as diferenças nacionais. Tal como surgiu uma tendência globalizadora e unificadora, apareceu uma reacção e um maior desejo de se preservarem as características nacionais entre todos os povos europeus, justamente para se afirmarem como existentes e integrados no mosaico cultural europeu. Eduardo Lourenço (2001) salienta alguns perigos da europeidade, tal como uma determinada pseudo-universalidade que resulta do processo da globalização. Este autor (*op.cit.*20) refere que “a *world culture* não é cultura de ninguém. A sua universalidade não tem memória nem história, é uma mera colagem dos restos da nossa civilização explodida e feliz por sê-lo”. Como resultado lógico das integrações europeias sublinham-se ainda mais um “cosmopolitismo sem sujeito e uma cultura brilhante por fora e vazia por dentro.” Eduardo Lourenço não pretende ser pessimista e não nega a importância de uma Europa unida, apenas procura chamar a atenção para o facto de que nem é possível, nem necessário esquecer as origens e raízes de cada povo e cultura. Por isso no seu livro *A Europa Desencantada* põe em causa a identidade comum europeia, como insuficiente e menciona a existência dos “europeus sem Europa” ou “Europeus à procura da Europa”. Esta posição revela-nos que tal como é indispensável integrar-se e fazer um diálogo

intercultural, é obrigatório respeitar a História, o passado e algumas características específicas de cada povo e cultura.

Sérgio Campos Matos (1990) refere que o ser humano tem uma necessidade da identidade e que ela consiste no interesse pelo particular e singular e nos conhecimentos da História, que para este autor é um “ prolongamento da mitologia”, o que será explicado mais adiante.

Por último, eximiremos a terminologia ligada à nação e à nacionalidade, o que nos servirá como ponto de referência para a análise da problemática do mito e da mitologia nacionais no contexto da literatura tradicional e das lendas. A primeira associação que nos surge em relação à nação e à nacionalidade é a ligação destes termos com uma determinada etnia. O segundo significado deste termo relaciona-se mais com a cidadania, os direitos e as regalias que o cidadão de um determinado país tem. Primeiro, a nacionalidade implica uma identificação intrínseca das pessoas com a cultura, língua, valores e imaginário de um país e segundo é mais administrativa e não subentende este factor afectivo. Enquanto a língua portuguesa nos dois casos usa a mesma palavra, *nacionalidade*, a língua sérvia tem duas palavras: *nacionalnost*, que compreende os factores histórico, mitológico, afectivo e educacional e *državljanstvo*. O segundo termo deriva-se do substantivo *država*,, que significa estado e refere-se ao estatuto de cidadão que pode ser adquirido por casamento, tempo de residência no país, pela origem dos pais etc.

As ideias da nacionalidade e cidadania são bastante antigas e nunca se observam como categorias isoladas: são sempre acompanhadas pelas categorias da língua, literatura, religião e outras “grandes categorias” universalmente conhecidas. Por isso não é de estranhar que no século XIX, na época do Romantismo, como argumentos da antiguidade e autenticidade de uma nação, se tenha recorrido a resultados (verídicos e forjados) da história, filologia, arqueologia, etnografia e folclore.

José Mattoso (2007) afirma que o fenómeno da nacionalidade é tão complexo precisamente por ser inseparável dos fenómenos humano, consciente, cultural e político. Quando se aborda a questão da nacionalidade, deve-se ter em conta todo o cuidado de não se confundir este conceito com o nacionalismo, porque o segundo termo implica já algumas possibilidades de interpretação negativa (a superioridade de uma nação, o desprezo por todas as outras, a discriminação, as maiorias, as minorias e os seus direitos). Todas estas questões não poderão ser abordadas neste momento porque ultrapassariam largamente o tema e os objectivos desta comunicação. Eduardo Lourenço (*op.cit.*) é da opinião que na época contemporânea a Europa pretende assumir o papel de “continente-nação”, tal como no século XIX o foram os Estados Nação. Com esta interpretação da situação actual na Europa pretende-se tanto uma demistificação dos estados nacionais e mostrar-se a sua insuficiência, como

também, por outro lado, a inevitabilidade de os povos desejarem “agarrar-se” a uma grande categoria de carácter identitário e colectivo. Benedict Anderson (*op. cit*) salienta que os termos “identidade”, “comunidade” e “nacionalidade” podem ser manipuláveis para fins políticos, tal como a língua, quando é usada pela imprensa e por pessoas que conscientemente abusam dos sentidos das palavras e dos contextos em que são usadas.

### **Definições dos Termos *Lenda e Mito***

Nesta parte da investigação analisaremos algumas tentativas de se definirem os conceitos da lenda e mito, a partir das quais compararemos mais facilmente os *corpora* portugueses e sérvios. Como fontes para a parte teórica usar-se-ão os dicionários de termos literários nas línguas portuguesa e sérvia e algumas obras de especialistas eminentes nesta área, como, nomeadamente, Mircea Eliade e Roger Caillois. Os próprios *corpora* serão escolhidos das obras de Leite de Vasconcellos e Fernanda Frazão, no caso das lendas portuguesas e de Vladimir Ćorović e Nikola Trajković, no caso sérvio. Devido ao espaço limitado para este trabalho, *corpora* abrangerão três lendas em cada língua, uma das quais será de temática religiosa e as outras duas inserir-se-ão no contexto laico, para mais tarde se ver em que medida estas específicas lendas e os seus protagonistas influenciaram a formação do imaginário popular português e sérvio e as suas respectivas identidades nacionais.

Tendo em conta que a palavra portuguesa *lenda* é da origem latina *legenda*, deve salientar-se que este género da literatura tradicional é à partida diferente de todos os outros, porque principalmente se destinava para ser lido e não apenas ouvido, como é o caso dos contos, poemas e romances populares. Se foi destinado à leitura, chega-se à conclusão de que a sua autoria era erudita e que o seu estilo e linguagem são mais elaborados e próximos da literatura culta do que da popular. O característico das lendas é que nelas se cruzam os factos reais e a imaginação popular. Parte-se de um acontecimento verídico, com o verdadeiro nome da personagem, com referências para anos e sítios concretos e acrescentam-se-lhe pormenores imaginados. A função da lenda é a de contar história, mas também de captar a atenção do público, desenvolver a sua imaginação, ligar as pessoas a um núcleo colectivo, criar laços afectivos com uma comunidade, “levantar a moral” do povo em situações difíceis e transmitir valores tais como o patriotismo, a religiosidade e o desejo de preservar uma parte do património intangível. São frequentes as lendas que explicam nomes das povoações ou procuram respostas para um fenómeno sobrenatural que escapou à sabedoria da ciência. O que chama a atenção e desenvolve melhor o interesse do povo pela sua tradição são numerosas histórias de amores contrariados ou de tesouros escondidos. As que mais se transmitem, de geração em geração,

são sem dúvida as que se referem aos santos populares e heróis nacionais. Fernanda Frazão (2004, p. 60) afirma que “uma lenda é uma lenda, por isso normalmente encerra em si uma parte de fantasia e uma parte da história.” Esta dose de fantasia faz com que os factos históricos se tornem mais vivos e presentes no inconsciente colectivo do povo, que se glorifiquem mais os feitos dignos de memória e que se desenvolva um sentimento da comunidade e comunhão. Massaud Moisés (1992) é da opinião que o facto histórico descrito na lenda se amplifica e se transforma sob o efeito da imaginação do povo, ganhando assim uma nova forma mais completa e complexa. Tanja Popović (2007) comenta que a lenda tem as suas origens na descrição das vidas dos santos e que o seu significado posteriormente se amplificou para a esfera dos heróis. Na perspectiva desta autora a lenda apresenta um acontecimento e um protagonista central (com o percurso esquemático da sua vida, desde o nascimento peculiar até à morte heróica), com a obrigatória “moral da história” no fim. Uma lenda significa a comunicação com uma tradição concreta e com outros textos, o que implica a mistura do culto e do popular, como também outras intertextualidades e interculturalidades, porque pode acontecer que a mesma personagem faça parte do imaginário popular de vários povos. Tal é o caso de São Sava, inicialmente sérvio, que é respeitado entre todos os cristãos ortodoxos ou de Kraljević Marko (o Príncipe Marko), conhecido entre todos os povos balcânicos.

O que distingue a lenda do mito é que a lenda tem o seu fundamento nos acontecimentos e personagens reais e o mito está quase sempre ligado aos heróis inventados e o mundo sobrenatural. Mesmo assim, não é fácil fazer uma verdadeira delimitação entre o mito e a lenda, porque pode acontecer que uma personagem histórica se torne lendária e que ao longo do tempo adquira uma forte carga simbólica, afectiva e identitária e se torne mito. Nesta situação, já é fácil citar o caso de D. Sebastião e todas as histórias que o povo português inventou à volta da batalha de Alcácer-Quibir.

No que diz respeito ao mito, esta forma inicialmente indicava “fala” ou “palavra”, o que implica que o mito se destina para ser transmitido oralmente. Para Mircea Eliade (1963) o mito, obrigatoriamente, encerra alguns elementos do sagrado. Na perspectiva de muitos autores, é difícil separar claramente a mitologia da religião. Roger Caillois (1980) é de opinião que cada mito é reflexo de “uma certa verdade” e do pensamento dos povos. De acordo com esta ideia pode chegar-se à conclusão de que a mitologia popular surge de acordo com a história e circunstâncias em que um povo vive e cada povo tem a sua mitologia diferente e única.

O papel e a interpretação dos mitos nacionais na vida dos povos dependem de muitos factores, mas como fundamento para eles pode servir os argumentos da missão que cada povo tem no mundo. Se ainda se acrescenta a ideia de um carácter messiânico, do destino específico e de uma causa maior que foi atribuída às nações por Deus, estas podem ser as razões para um

excessivo orgulho nacional e conflitos entre os países. Patrick J. Geeary (*op.cit.*) chama a atenção para o facto de os mitos nacionais podem ser perigosos e que os maiores conflitos com base na mitologia e religião foram usados por líderes geralmente ateus ou agnósticos, que souberam aproveitar-se bem dos mitos e do imaginário popular. Daqui chega-se à conclusão de que as pessoas devem estudar os mitos do seu povo, examiná-los e questioná-los e desenvolver uma atitude crítica em relação a eles. Enquanto João Medina nos seus *Portuguesismo(s)* analisa, critica e observa todos os grandes mitos portugueses apenas da perspectiva negativa, desejando quase eliminá-los do inconsciente colectivo dos Portugueses, Eduardo Lourenço (*op.cit.*) refere que todos os mitos são uma espécie de mitos de origem, e é crítico em relação aos mitos europeus em geral, perguntando-se por que é preciso acreditar que justamente o povo português é “o mais paradisíaco dos povos”. Curiosamente, nos anos noventa do século XX, no período da desintegração da Jugoslávia, alguns historiadores defendiam a ideia do povo sérvio como “celestial” ou também “paradisíaco”, com uma forte base mitológica, fundamentada na lenda/mito sobre a famosa batalha de Kosovo Polje em 1384. Esta visão de uma missão especial dirigida pela Providência Divina dos povos português e sérvio será o primeiro paralelismo possível entre as duas literaturas tradicionais em questão e as suas respectivas mitologias nacionais.

### **Análise Contrastiva dos *Corpora* das Lendas Portuguesas e Sérvias**

Muitas são as associações quando são referidas as lendas portuguesas: desde o Galo do Barcelos, as Mouras encantadas, as rosas da Rainha Santa Isabel, a Padeira de Aljubarrota entre outras, mas para os efeitos deste trabalho foram escolhidas três lendas em que se podem encontrar algumas semelhanças com o imaginário sérvio: o Milagre de Ourique, os Milagres de Santo António de Lisboa e a lenda de D. Sebastião. Na tradição sérvia pode-se encontrar de tudo: desde a construção das cidades que durante à noite foram derrubadas por uma espécie particular de fadas da água, até aos gloriosos feitos dos heróis da época medieval apoiados pelos santos populares. Escolhemos analisar uma lenda sobre São Sava, santo padroeiro da Sérvia, durante cuja vida a Igreja Ortodoxa sérvia se tornou autocéfala e que é festejado como protector de todos os que estudam, aprendem e ensinam; uma outra sobre o Príncipe Marko (Kraljević Marko) e uma sobre o conde Lázaro Hrebeljanović, santo e mártir da Igreja Ortodoxa que morreu na batalha do Kosovo em 1384. Este último no imaginário sérvio e na poesia épica é conhecido como czar, embora historicamente tenha sido apenas conde.

Nesta parte da investigação analisaremos os exemplos concretos das lendas portuguesas e sérvias que foram escolhidas como *corpora*. A lenda sobre o milagre de Ourique apresenta uma situação insólita cujo protagonista é o D. Afonso Henriques, que depois da Batalha de Ourique (1139) foi proclamado primeiro rei de Portugal. Nesta batalha o rei português enfrentou cinco reis mouros. Reza a lenda que um homem velho, que tinha visitado o rei nos sonhos na noite anterior à luta, lhe tinha revelado uma visão profética sobre a história. No dia da batalha no céu apareceu uma cruz luminosa, que era o sinal da vitória. Os Portugueses acreditam também em que o seu primeiro rei tinha ouvido a voz de Deus, que lhe tinha prometido a vitória nessa e muitas outras batalhas. Esta lenda/mito transformou-se num dos pilares fundamentais da cultura portuguesa e persiste ao longo dos séculos graças ao seu carácter messiânico que atribui a Portugal uma missão especial na preservação da fé cristã e na luta contra os infiéis. Os factos históricos apresentam o rei D. Afonso Henriques como uma pessoa poderosa, nem sempre tão piadosa e humilde como se vê no imaginário popular, que desrespeita a própria mãe e que em certas situações sabe ser cruel e implacável. O que interessa mais é o facto de ele ter sido o primeiro rei português, o fundador de uma Nação, cultura e pessoa que traçou o caminho para a criação de uma identidade colectiva. Estas são as razões, dentre outras, cremos, dele ter sido tão glorificado na memória dos Portugueses que lhe atribuíram características míticas e dignas de serem transmitidas de geração em geração.

Na tradição popular sérvia, uma das lendas com mais peso e importância é, sem dúvida, a Lenda do Kosovo, que se refere ao enfrentamento dos exércitos sérvio e turco no Kosovo Polje (1389). Um dos heróis principais desta batalha é o conde Lázaró Hrebeljanović, que pouco antes da luta contra os turcos, segundo a lenda, tinha recebido uma carta premonitória de Jerusalem, da Virgem Maria, em que lhe foi dada a opção de escolha entre o reino deste mundo e a vitória sobre os turcos e o Reino dos Céus, bem como a morte dele e todos seus soldados. O conde Lázaró optou por uma morte mártir e gloriosa "pela cruz honrada e a liberdade doirada". Ele e todos os seus soldados confessaram-se e comungaram antes da batalha contra o inimigo infiel e morreram de forma honrada de forma a possibilitar a que o povo sérvio seja convidado para o Reino dos Céus. Estes acontecimentos foram cantados em ciclos dos poetas épicos. A História apresenta-nos estes episódios numa perspectiva diferente e mais realista: o exército turco era muito mais numeroso e melhor preparado, o Império sérvio tinha chegado ao período da sua decadência e não podia resistir. Há quem diga que o povo sérvio na Batalha do Kosovo viveu a sua maior vergonha e derrota, e que esta lenda deveria ser entregue ao passado para os Sérvios se libertarem e poderem continuar a construir uma nova história. Uma vez que tanto o conde Lázaró como o sultão turco Murat morreram na batalha, não se pode falar na vitória ou derrota de nenhum dos dois povos em questão. Mesmo com os Turcos mais poderosos, a última cidade

sérvia que caiu sob o domínio muçulmano foi Smederevo em 1459, oitenta anos justos depois da batalha, o que comprova que o povo sérvio durante muito tempo continuou a oferecer resistência. O que aproxima estas duas lendas é o ideal de luta pela fé contra o inimigo islâmico que veio invadir os territórios cristãos. Estes dois exemplos de grande coragem dos soberanos português e sérvio no imaginário popular deram aso à ideia destes dois povos como especiais em relação aos outros, sobretudo pelo seu carácter “paradisiaco”.

A seguinte lenda portuguesa que iremos analisar envolve a personagem de Santo António de Lisboa. Embora na tradição popular portuguesa este santo seja conhecido como “santo casamenteiro”, que “inscreve as moças no livro do matrimónio”, desta vez falar-se-á sobre o famoso sermão aos peixes, porque simboliza a defesa da fé cristã dos hereges e o triunfo das virtudes da paciência e inteligência sobre a intolerância dos seres humanos. Na situação em que ninguém queria ouvir as palavras de Santo António de Lisboa, ele dirigiu-se aos peixes, cujo simbolismo na religião cristã é múltiplo: (simbolizam uma estreita ligação com Cristo, e como são animais silenciosos, ensinam que é melhor ouvir do que falar). Com a defesa da “fé verdadeira” no território de Portugal e no estrangeiro, este santo fortaleceu a ideia da consciência nacional e religiosa dos Portugueses. F.A. Carlos das Neves refere-se a este santo como a “grande thaumaturgo de Portugal” e afirma que com a sua “ilustre ascendência constituiu-se e robusteceu-se a nacionalidade portuguesa”.

O imaginário popular sérvio tem uma personagem parecida com o Santo António: São Sava, príncipe de nascença, as na sua vida humilde e grande pregador. Historicamente o santo sérvio é importante por ter conseguido que a Igreja Ortodoxa Sérvia se tornasse autocéfala no século XIII, e por isso ele é considerado fundador da identidade nacional sérvia, santo padroeiro deste país e protector de todos os que estudam, aprendem e ensinam. De acordo com a tradição sérvia, acredita-se que foi ele que ensinou os Sérvios a fazerem tudo o que sabem, desde os assuntos sérios e dogmáticos do domínio da religião, até às actividades mais simples do dia-a-dia. No imaginário popular, ele é visto como médico, mestre, navegador, mas mais do que isso tudo é glorificado e celebrado como um grande defensor da fé cristã contra os hereges. Precisamente por isso explicaremos a lenda intitulada “São Sava defende a fé cristã” (Ćorović,2000) em que este santo ensina o povo a não acreditar nas heresias de um homem que durante muito tempo vivia só e que na sua imaginação inventou que era o próprio São Paulo. Na lenda portuguesa Santo António fala aos peixes, e na lenda sérvia São Sava é acompanhado por animais, um gato e um galo, que na mitologia eslava têm uma simbologia profunda. Tal como nas lendas, estes dois santos são grandes pregadores e têm amor por qualquer ser vivo, na história são também muito próximos: os dois foram filhos de pais ilustres e já na infância gostavam muito de estudar e tinham capacidades intelectuais superiores às crianças da sua

idade. Muito jovens renunciaram à glória deste mundo e dedicaram-se à vida retirada nos mosteiros. Os dois passaram muito tempo fora dos seus países anunciando a Palavra de Deus e os dois são muito bem vistos nas suas culturas e consideram-se fundadores de uma parte da identidade nacional e religiosa dos seus povos.

As últimas lendas que serão explicadas, neste contexto, são a do D. Sebastião em Portugal e de Kraljević Marko na Sérvia. Segundo alguns factos históricos, D. Sebastião foi o rei português que lutou contra os mouros querendo convertê-los à fé cristã e morreu na batalha de Alcácer-Quibir em 1578. Tendo apenas vinte e quatro anos de idade. Uma vez que desapareceu nessa batalha e o seu corpo nunca foi encontrado, esse facto deu aso à imaginação popular. No imaginário português ele foi o rei eleito que no futuro, num dia de nevoeiro, regressará para (re)estabelecer o reino de Portugal. Ainda que a História qualifique como um rei que por causa da sua juventude foi demasiado ambicioso nessa cruzada contra os mouros, e que como rei foi bastante fraco e inseguro, a lenda glorifica-o e confere-lhe um carácter de missionário e defensor da fé cristã e da portugalidade. Esta lenda, mais tarde, transformou-se no mito do sebastianismo, que originou uma determinada crença dos Portugueses na sua superioridade sobre outros povos e também foi causa do aumento da natureza melancólica portuguesa que procurava acreditar nos milagres.

Na tradição popular sérvia, muitos são os poemas épicos e lendas que contam a vida e os feitos do Príncipe Marko (na mitologia conhecido como Kraljević Marko). A primeira palavra do seu nome não é o seu apelido, embora o pareça ser pela terminação -ić, muito comum nos apelidos sérvios, apenas é tradução eslava da palavra príncipe, filho do rei ou jovem rei. A História conta que ele nasceu como primeiro filho do rei Vukašin Mrnjavčević, que governou na Sérvia como ajudante do último czar sérvio Uroš V, jovem e fraco de corpo e espírito. Morto o rei Vukašin na batalha de Marica de 1371 e o czar Uroš poucos meses depois, Marko foi formalmente proclamado rei da Sérvia. Segundo os poucos dados históricos que se têm deste rei, ele tinha grandes capacidades diplomáticas, o que depois da Batalha do Kosovo o levou a ser vasalo turco e tentar usar a sua inteligência para dar alguns privilégios ao seu povo. Morreu na batalha de Rovine em 1395, cumprindo um serviço militar do lado do exército turco. O seu corpo desapareceu depois da batalha e nunca foi encontrado, o que foi motivo várias especulações e a criação de um grande número de contos, lendas e poemas épicos à volta desta personagem, no imaginário popular estreitamente ligada à Batalha e ao mito do Kosovo. Nos poemas épicos e nas lendas atribui-se-lhe uma extrema força física: a capacidade de matar inúmeros turcos de uma vez, de se opor aos sultões com respostas valentes a favor do povo sérvio. No imaginário popular é visto como irmão espiritual da fada da montanha chamada Ravijojla, a montar num cavalo com características maravilhosas, a carregar um maço pesado de

seis bicos. As lendas podem apresentá-lo como infeliz apaixonado, cuja amada ficou petrificada por causa dos amores ilícitos e contrariados, o que dá um carácter mais humano e “palpável” ao herói nacional histórico, lendário e mítico ao mesmo tempo. O facto de o seu pai estar ligado à corte da dinastia dos Nemanjić, tendo ajudado o último czar sérvio, atribui ao Príncipe Marko no imaginário popular o poder de algum dia voltar e re-estabelecer a glória da Sérvia da sua época medieval. Embora não exposto tão directamente, este é também um mito do eterno retorno, com o mesmo fundo e ideias por trás: a crença num futuro melhor sob a liderança de um herói especial e conhecido na história e mitologia popular. Contrariamente a D. Sebastião, o Príncipe Marko estava já na sua idade madura quando morreu e era de estatura robusta, o que na imaginação popular apenas confirma a sua capacidade de realizar o seu feito glorioso. A lenda do Kosovo, juntamente com as lendas de São Sava, e sobretudo Príncipe Marko, ajudaram o povo sérvio para sobreviver cinco séculos duros da ocupação turca e de “levantar a moral” nos momentos difíceis. Esta consciência nacional foi uma das motora, cremos, da libertação final dos Sérvios do domínio turco, que se deu nos inícios do século XIX. Relembremo-nos que as lendas e mitos abordados neste trabalho foram, muitas vezes, criticados e interpretados como causas do nacionalismo, da desgraça nacional, da impossibilidade de os povos sérvio e portugueses progredirem social, cultural e politicamente. Muitos deles até recomendam que o melhor seria esquecê-las e eliminá-las do imaginário popular, proibindo que sejam ensinadas nas escolas.

## **Conclusões**

Ao longo deste trabalho procuramos observar a importância da literatura tradicional na criação e transmissão dos grandes mitos nacionais. Após uma análise comparada de três lendas portuguesas e os seus “equivalentes” sérvios, chegamos à conclusão de que esta literatura nunca é isenta de ajudar a formar opiniões e influenciar o modo de pensar, agir e viver das pessoas e dos povos, criando um forte vínculo a uma comunidade e a um colectivo Hoje em dia, mesmo com a globalização e o processo das integrações europeias, quando as noções da nação, nacionalidade e identidade sofreram bastantes alterações, é preciso estudar a literatura tradicional. Por um lado, para se recuperar a memória de factos históricos importantes e, por outro, para se desenvolver o interesse e gosto pela própria cultura e pelas culturas diferentes daquela em que uma pessoa foi educada.

Analisando três narrativas lendárias que durante séculos foram pilares da identidade nacional e cultural, foram encontradas bastantes semelhanças, o que revela, que apesar de estes dois povos serem geográfica e civilizacionalmente bastante afastados, o que os aproxima são algumas tendências universais inerentes na condição humana tais como: a crença nos ideais,

o desejo de sentir-se seguros e defendidos por alguém superior, o desejo de glorificar a sua cultura e transmiti-la aos outros.

A função destas lendas/mitos pode ser interpretada de várias formas e utilizada também para fins políticos, e justamente por isso devem, cremos, ser ensinadas nas escolas, mas sempre acompanhadas pelo contexto histórico e factual. Devemos ter uma atenção especial com as lendas e os mitos nacionais, no sentido de desenvolver um espírito crítico, revitalizando ideias culturais, mas com um olhar aguçado sobre nossas próprias raízes e fundações. Em suma, os nossos mitos/lendas podem nos ajudar a entender um pouco da dinâmica histórica da nossa sociedade.

### Referências bibliográficas

Colectâneas de lendas:

ĆOROVIĆ, Vladimir. **Pedeset legendi o Svetom Savi**. Beograd: Janus, 2000.

FRAZÃO, Fernanda. **Lendas Portuguesas da Terra e do Mar**. 1ª Ed. Lisboa: Apenas, IELT, 2004.

Bibliografia teórica:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas, Reflexões sobre a Expansão do Nacionalismo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

AZEVEDO, Orlanda (et. Al.) (orgs.) (2004) **Identidade com/sem Limites, Identity with(out) Limits**. Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Edições Colibri, 2004.

BERND, Zilá; LOPES, Cícero Galeno (orgs.). **Identidades e Estéticas Compósitas**. 1ª Ed. Porto Alegre: Centro Universitário de la Sallé, 1999.

BERNHEIMER, Charles. **Comparative Literature in the Age of Multiculturalism**. 1st Ed., London and Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

CAILLOIS, Roger. **O Mito e o Homem**. 1ª Ed. Lisboa: Edições 70, 1980.

ELIADE, Mircea (1963). *Aspectos do Mito*. 1ª Ed. Lisboa: Edições 70,

FRANCO, José Eduardo (2000). **O Mito de Portugal, A Primeira História de Portugal e a sua Função Política**. Lisboa: Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque D'Orey, 2000.

GEARY, Patrick J., **O Mito das Nações, A Invenção do Nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 2002.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (editors). **The Invention of Tradition**. Canto Editions. London: Cambridge University Press, 1996.

LIMA, Mesquitela. **Antropologia do Simbólico ou o Simbólico da Antropologia**. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

LOURENÇO, Eduardo. **A Europa Desencantada, Para Uma Mitologia Europeia**. Lisboa: Gradiva, 2015.

MARQUES, Reinaldo (Et. Al.). **Limiares Críticos, Estudos da Literatura Comparada**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

MATOS, Sérgio Campos (1990). **História, Mitologia, Imaginário Nacional**. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

MATTOSO, José. **O Essencial sobre a Formação da Nacionalidad**. 3ª Ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

SERUYA, Teresa; MONIZ, Maria Lin (orgs.). **Histórias Literárias Comparadas**. Actas do Colóquio Internacional 11 e 12 de Novembro, Lisboa: Edições Colibri, Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira, 1999.

Dicionários:

CASTELEIRO, João Malaca (coord.). **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa** (vol. I). Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

MOISÉS, Massaud, **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

POPOVIĆ, Tanja. **Rečnik književnih termina**. Beograd: Logos Art, 2007.

---